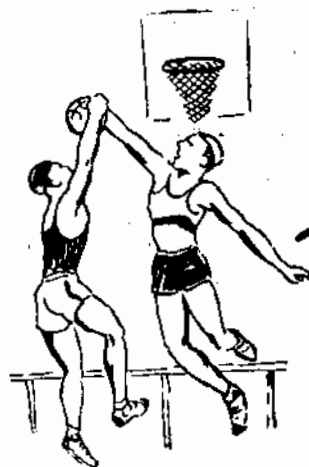


COMO EU VI OS CAMPEÕES OLÍMPICOS DE



BASQUETE BOLA

Não é possível negar que os americanos do Norte são os melhores jogadores de Basquetebol do mundo. No entanto a diferença entre a sua técnica e a dos demais disputantes dos jogos de Londres não foi tão grande quanto se fazia constar, a menos que a representação do Tio Sam não tenha sido uma "boa representação", acontecimento difícil de acreditar; ou talvez por não ter encontrado adversários capazes de lhe oferecerem resistência e diante da desproporção física verificada deixaram que as partidas decorressem sem mostrar todos os recursos que possuíam. Não incluo aqui o jogo Argentina x U. S. A., porque não o pude assistir, em virtude da necessidade que nós da equipe Brasileira tínhamos de descansar; mas é possível deduzir diante das outras partidas que observamos destes dois rivais contra outros quadros, que deve ter sido uma luta em que a representação dos nossos vizinhos do Sul esteve em "um grande dia" e os americanos do norte em dia péssimo.

O acima dito, naturalmente me obriga a justificar os escores espantosos verificados a favor dos campeões e, de acordo com as minhas observações, vou tentar fazê-lo aproveitando o momento para dizer-lhes algo sobre o que pude notar.

E aqui estão as causas principais dos grandes escores: estado atlético, desproporção física, manejo da bola, espírito de equipe, visão de campo, noção de arremesso, adversários receiosos e pouco inteligentes.

Estado atlético: - Todos os seus homens são de uma agilidade notável, o que é excepcional em homens de altura beirando os dois metros, e correm com grande velocidade, sobrepujando seus marcadores durante o "bate-bola", vantagem que se fazia acentuar no início da corrida. Dava a impressão que todos eles tiveram técnicos de corridas quando crianças. Todos saltavam muito, exceto um dos centros, Kurland, que dado à sua altura, 2,06 ms, saltava um pouco menos.

Desproporção física: - É fácil verificar esta desproporção confrontando os gigantes americanos com os nossos pseudos gigantes (Massenet, Algodão, Alexandre, etc).

A equipe americana tinha três homens que cortavam, sim cortavam é o termo, levavam a bola acima do aro afim de arremessá-la verticalmente dentro da cesta. Um deles tinha 2,06 ms. e os outros dois cerca de 2 ms.; além desses, pelo menos quatro eram maiores do que qualquer um dos nossos e os demais eram do tope dos homens altos da nossa equipe. Junte-se a esta desproporção física a agilidade desses homens, como disse acima, comparável com a de qualquer dos nossos de pouca estatura.

Manejo da bola: - Executam muito bem toda a espécie de passe, geralmente com violência, em qualquer direção e com qualquer mão.

Recebem a bola com velocidade e mal esta toca os dedos já está pronta para ser expedida em busca de um companheiro, para driblar, no que são mestres, ou para fazer o arremesso, cuja percentagem de aproveitamento é bastante inferior ao que o cinema nos apresenta. Este manejo excepcional da bola deve ter sua base no "Base-ball".

Enquanto nós aqui desde pequenos exercitamos os pés na prática do Futebol, eles praticam o "Base-ball". vindo daí creio a pericia no manejar a bola.

Visão de Campo: - Na verdade nos parece que cada homem do time independente da posição em que esteja está vendo os jogadores restantes, fato este difícil de acon-

tecer conosco, pois parece que certa parte do campo de jogo nos é pouco visível. Tenho a impressão que nosso campo visual é bem pequeno enquanto o deles é enorme. Não atino qual a razão desta diferença.

Espírito de equipe: - Desde o "bate bola" um companheiro anima o outro com seus gritos de incentivo, todos se compenetraram de seus papéis, jogando com muito ardor. Quando o "match" vai começar se reúnem junto ao técnico, todos de mãos dadas e fazem, tenho a impressão, algum juramento. Na ocasião das substituições os reservas se levantam para aplaudir o homem substituído, sendo recebido carinhosamente, qualquer que tenha sido o seu desempenho.

Este mesmo espírito se verifica no jogo propriamente dito quando um deles se escuda no companheiro para arremessar, ou com as corridas para o "corta-luz", nos passes quando estão contra-atacando, pois a bola é sempre arremessada bem sob a cesta, não havendo lançamentos quando um outro está melhor colocado. Esta noção de conjunto foi melhor observada quando os adversários marcaram "zona" e os americanos atacavam em formação 1-3-1. Não podendo contê-los na formação inicial de suas defesas, 3-2 ou 1-2-2, esta degenerava e então notava-se que alguém saía da formação de seu ataque para arriscar-se a uma zona desprotegida, e se por acaso não fosse bem sucedido nesta aventura, o que acontecia as vezes, imediatamente, sem que se tivesse tempo para perceber, o ataque estava na mesma formação, naturalmente com os homens em posição trocada. Na defesa não se pode falar da troca de marcação pois não deram muita oportunidade para que isso acontecesse, mas com a noção de conjunto demonstraram, creio devem fazê-lo a perfeição.

Adversários receiosos agindo com pouca inteligência: - Assisti quatro jogos dos campeões, em todas as oportunidades os adversários estavam amedrontados, sendo quase incrível o que aconteceu com o Uruguai e Tchecoslovaquia. Ambos improvisaram uma defesa de zona muito mal feita e seus homens mal conseguiram agarrar a bola, estavam visivelmente nervosos, inclusive o nosso conhecido Lombardo que fez uma péssima atuação. Além deste medo que se notou também na disputa com a França e com o México, aconteceu que todos queriam jogar contra os invictos da mesma maneira que jogavam com os outros adversários de proporções físicas equivalentes às suas, e não davam o valor que de fato merecia a posse da bola. Na ânsia de fazerem "um pontinho" atiravam à cesta, mas nervosos não tinham noção da distância e naturalmente acertavam menos do que o de costume, esquecidos de que os rebotes seriam forçosamente dos "yankees". A maneira mais indicada seria a retenção da bola arremessando-se unicamente em posição em que se contasse com probabilidade de sucesso. Isto não aconteceu e facilitou o trabalho dos gigantes.

Noção de Arremesso: - Este é um dos pontos que me parece mais difícil em Basquetebol, no entanto os americanos, e deixem-me acrescentar aqui os Canadenses, têm a noção exata do assunto. Nada de tiros longos, arremessando apenas de meia distância muito livres e quando bem perto da cesta. Quando digo perto da cesta quero falar dentro do garrafão ou distância equivalente, atiram sempre em boa posição de curta distância e desmarcados.

Foram estes os motivos que encontrei para aqueles escores desproporcionais, sendo o principal deles "a ânsia de fazer cesta" dos adversários dos Campeões, quando a parte técnica era mais ou menos idêntica. Como todos sabem os cortes de passes e os rebotes geram os contra-

ataques. Os cortes de passes são difíceis de suceder ou acontecem em pequeno número, mas a quantidade de rebotes é proporcional aos arremessos mal sucedidos, no caso, em muito grande escala, estes só poderiam cair nas mãos de um dos gigantes. Sendo assim depois de um arremesso, aproveitando a certeza de que o rebote seria de um dos seus companheiros e, ainda, com a cumplicidade de uma velocidade invejável, os homens mais avançados partiam em direção ao campo do adversário e conseguiam sempre uma superioridade numérica sobre os defensores e então o "Placard" funcionava. Este quadro repetia-se durante os quarenta minutos de cada partida. Deste modo, como lhes disse, não apresentaram os americanos uma grande diferença de técnica sobre os restantes competidores, tendo o Canadá se apresentado, neste ponto, melhor que os vencedores Olímpicos. Defendiam-se homem a homem e me pareceu que o faziam bem, le-

vando-se em conta a displicência natural diante da vantagem no "Placard" que sempre levavam, sendo digno de nota o quasi abandono em que deixavam os adversários quando a bola caía no homem "Pivot": voltavam-se fechando o possuidor da bola, e não chego a dizer que cuidavam apenas deste homem, pela forma como se fechavam dando a impressão de uma defesa de zona muito recuada, circunscrita ao garrafão.

Esta opinião sobre basquetebol americano, que aqui deixo tem dois pontos fracos, aliás um fraco e outro fraquíssimo; o primeiro é que estas observações foram tiradas dos jogos de Londres onde se viu apenas um quadro "Jogando a vontade" sem ter adversário que o fizesse se empenhar no jogo; o segundo é que estas observações foram feitas por

Ruy Freitas